



CARTA DO MÊS

Estigmatinidade

JULHO 2005 - N° 179

ORAÇÃO E VIDA (continuação)

O SACERDOTE E A ORAÇÃO

Quando anuncia o princípio fundamental que "a oração é como a vida da nossa vida e a alma da nossa alma; é como a respiração", Pe. Gaspar está falando a um auditório de sacerdotes, em uma instrução que faz parte dos Exercícios espirituais pregados ao clero da diocese.

Isto não significa, certamente, que aquele princípio valha só para os sacerdotes, ou para quem escolheu uma vida de consagração especial. Vale também para os leigos (jovens do Oratório).

Mas é também verdadeiro que para os sacerdotes aquele princípio tem uma relevância toda particular, devido a peculiaridade da sua vida e da missão a que são chamados. Pe. Gaspar esclarece quando, depois de haver proposto o princípio, continua: "Isto convém maximamente aos sacerdotes...: porque sendo de "Deus os negócios que tratam, é preciso executá-los segundo sua orientação, como o general faz com o príncipe. Esta orientação se pede com a oração freqüente que é uma consulta a Deus".

a) OS NEGÓCIOS DE DEUS

1. O SACERDOTE INSTRUMENTO DE CRISTO PARA A SALVAÇÃO DOS IRMÃOS

"Tudo o que se faz no ministério sagrado por vocação e consagração é Cristo que o opera de modo especial... É Cristo que batiza nos sacerdotes... Portanto o homem adere à mão do primeiro operante como instrumento vivo e escolhido. Cristo é o primeiro e absoluto exemplar de toda perfeição, também sacerdotal. "Sede meus imitadores, como eu sou de Cristo". Cada sacerdote é como um carimbo sagrado no qual se deve reconstruir ao vivo a imagem de Jesus Cristo, de modo que por sua vez, possa imprimir-la nos outros".

Assim, com palavras inspiradas, Pe. Gaspar descreve a intimidade especial que une o sacerdote a Cristo no plano objetivo e institucional; isto é, em força dos ministérios específicos que fazem parte da vocação e da consagração sacerdotal. Daqui ele toma o ponto de partida para indicar quanto deve ser íntima e profunda, a intimidade que o sacerdote é chamado a estabelecer com Cristo, a nível de esforço espiritual. "O sacerdote - prossegue Pe. Gaspar - proponha Jesus como centro do amor, meta de toda intenção. É marcado pelo caráter Dele, para que se reconheça transformado no Seu domínio especial em relação a todas as coisas. Seja o princípio, o meio e o fim da nossa devoção aquele que é o princípio, o meio e o fim de toda graça, poder e função sacerdotal... Olhai-o sempre como caminho; procurai-o como verdade; amai-o como vida... Encontraí a água da vida, bebei, inebriai-vos aí! 'Não sou mais eu que vivo, mas Cristo que vive em mim'".

Em uma meditação de 1810 apresenta uma peremptória afirmação de S. Gregório Magno: "Ninguém presume chegar ao sacerdócio, sem ter adquirido na oração tanta familiaridade com Deus a ponto de poder forçá-lo à sua vontade, como Moisés e Elias".

Portanto, união com Cristo ao ponto de tornar-se um com Ele como o instrumento com a mão que o usa; familiaridade com Deus ao ponto "de poder forçá-lo à sua vontade, como Moisés e Elias"; é com estas expressões que Pe. Gaspar marca o nível da intimidade divina a que deve chegar a oração do sacerdote, para que ele esteja a altura de tratar dignamente os negócios de Deus".

2. UNIÃO COM DEUS E MINISTÉRIO DA PALAVRA

Este discurso de Pe. Gaspar refere-se, obviamente, a todos os ministérios sacerdotais: uma vez que todos são, justamente, negócios de Deus. Mas parece merecedor de particular atenção o que ele ensina a propósito da correlação estabelecida entre oração e ministério da palavra.

"Quando não se reza bem, não se pode falar bem de Deus", anotou por sua vez no Memorial Privado. E ainda: "o modo da pregação - este pensamento encontra-se em uma das meditações aos sacerdotes - (a Igreja) o procura na contemplação".

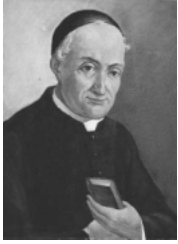
A segunda das duas Instruções sobre a 'União com Deus' feitas aos sacerdotes no contexto dos Exercícios - que estão indubitavelmente entre os textos mais ricos e melhores cuidados de Pe. Gaspar - é praticamente tudo centralizado sobre este tema da inseparável ligação que é colocada sobre a contemplação e o ministério da palavra. O sacerdote, antes de tudo, "deve estabelecer para si um tempo de oração", que é como o lugar reservado todo para si; o lugar que os pregadores têm como seu próprio é a íntima contemplação de Deus". Procurará pois o sacerdote, ainda mais concretamente, de recorrer à oração "antes da ação". Antes sentirá a necessidade de realizar uma "oração contínua", "familiar com Deus" e "prática", capaz, isto é de tornar-se "associada a todas as atividades e de ser inseparável companheira da vida".

Pe. Gaspar que vê nos pregadores os "procuradores das núpcias" destinadas a unir as almas a Cristo Esposo, não deixa de valorizar amplamente neste contexto também a temática esponsal tão querida por ele. "Enquanto a alma eleita do pregador se esconde na contemplação secreta - escreve na citada Instrução sobre a União com Deus - é por assim dizer colocada no tálamo do Esposo. Quem pois a acorda, a tira do Esposo; porque evidentemente o repouso da alma eleita constitui o prazer não só dela, mas também do Esposo". Naturalmente, a intimidade contemplativa com o Esposo representa para o ministro da palavra, não só um prazer espiritual, mas uma imprescindível necessidade, uma vez que sem ela arrisca tornar estéril o próprio ministério. "De quantos sacerdotes verifica-se esta esterilidade - lamenta Pe. Gaspar, em uma das Meditações aos seminaristas... -porque jamais se alimentam com a oração, 'Queimado como a erva, meu coração se murcha (porque) me esqueço de comer meu pão'. Áridos para si e para seus filhos. As mães que amamentam comem muito e são dispensadas do jejum. Os sacerdotes morrem de fome, como poderão alimentar os filhos? A ciência estufa os seios, a devoção os enche".

• • • • •

(continua)

(A ORAÇÃO NO ENSINAMENTO E NA EXPERIÊNCIA DE
SÃO GASPAR BERTONI - PE. IGNAZIO BONETTI).



CARTA DO MÊS

Estigmatinidade

A G O S T O 2 0 0 5 - N ° 1 8 0

ORAÇÃO E VIDA (continuação)

3. "O QUE DE MENOS CUIDAM OS SACERDOTES É A ORAÇÃO"

Pe. Gaspar acena assim à crua realidade dos fatos que em tão larga medida se contrapõe ao quadro ideal por ele delineado. "O que os sacerdotes menos cuidam - assim nos exercícios de 1810 - é a oração; até mesmo caçoam dos livros de orações e daqueles que a praticam". "Alguns sacerdotes entram na igreja para pregar, para celebrar Missa, para cantar, para acompanhar defuntos, para confessar; não entram e não param jamais para rezar, que é o dever mais importante". "São raríssimos os que meditam nos nossos dias - prossegue Pe. Gaspar na sua denúncia - e facilmente ainda caçoam, e chamam de beatos os que fazem este exercício".

"Oração, meus caros eclesiásticos; - proclama solenemente em uma das Meditações feitas no Seminário - Meditar durante a semana, para que saibais como portar-se na casa de Deus". "Fazei-nos muito querida, ó Senhor, a escola da oração - assim convida à oração os seus ouvintes do seminário - na qual Vós mesmos sois Mestre. A razão humana, a ciência é muito tímida e incerta; no nosso ministério é necessária a vossa luz.". Um pouco mais adiante, na mesma Meditação, Pe. Gaspar apresenta abertamente os resultados positivos que o sacerdote tira da "escola da oração": Um pastor, um homem de oração, nada mais faz que ir ao encontro das coisas conforme o Senhor dispõe com sua Providência. Não previne, não precede; tudo é ordem, tudo tranquilo. Não é precipitado, não apressado; aguarda o tempo, as circunstâncias; tudo isto seguindo a Deus. Para conseguir estas luzes que certificam, confirmam, completam o conhecimento sobre a escolha divina, é necessário nos prelados grande oração" .

b) COMO "LEVAR A ESCADA" NÃO SÓ PARA OS OUTROS

1. O EXERCÍCIO DO MINISTÉRIO DEVE ANTES DE TUDO SANTIFICAR O SACERDOTE

“Os negócios de Deus” confiados ao sacerdote são destinados a realizar a salvação e a santificação não somente dos fiéis mas também, e antes de tudo, do próprio sacerdote que cuida deles. E é justamente para garantir em primeiro lugar esta eficácia santificadora em relação à sua própria pessoa que se exige do sacerdote um esforço de união com Cristo e de familiaridade com Deus particularmente elevado, como o do "general com o príncipe". Certamente, também a fecundidade do ministério sacerdotal em relação a santificação dos fiéis está intimamente ligada, segundo Pe. Gaspar, à presença de uma forte carga de contemplação no sacerdote; como foi visto no parágrafo precedente. Mas enquanto em relação aos fiéis, quando estes estão bem

dispostos, uma certa eficácia é garantida, seja como for, pela própria natureza dos ministérios - que são, justamente, "negócios de Deus", em posse de um valor santificante objetivo; sobretudo a Palavra de Deus e os Sacramentos - em relação aos sacerdotes ao invés o exercício indigno dos mesmos ministérios resultariam totalmente infrutíferos, quando não diretamente sacrílego e danoso.

É este um motivo com muita insistência desenvolvido por Pe. Gaspar; e que lhe dá oportunidade de ilustrar também mais profundamente a especial ligação existente entre a vocação sacerdotal e a oração.

Naquela mesma Meditação dos Exercícios em que ele deplora o fato que entre os sacerdotes "raríssimos são os que meditam em nossos dias" ele faz sua denúncia de S. Agostinho contra os "Fabricantes de Arca" (que) enquanto salvam os outros ficam fora". "Cuidando dos outros durante toda sua vida - prossegue Pe. Gaspar - desleixam-se de si mesmos e deixam de confessar-se por muitos meses e anos. Eles estão cheios de vícios contando sobre as virtudes alheias". E ainda sobre o mesmo assunto: "Engano fatal do demônio, é este, muito comum e que engana muitos sacerdotes a confessar; confiar ter feito muito bom os penitentes, tê-los mudado de pecadores a grandes santos, pregando e confessando muito; e engana os clérigos fazendo-os engendrar grandes projetos de santificar muito os outros com estudos. Mas o que adianta?... Salvemos nossa alma, e depois pensaremos em salvar a dos outros". Sempre no assunto de confissão, Pe. Gaspar não teme manifestar suas perplexidades em relação ao comportamento incoerente de certos sacerdotes com um linguajar bastante cru, tomando base de uma outra comparação eficaz: "A vida (de muitos leigos) é imaculada, enquanto a vida de muitos eclesiásticos muitas vezes é muito suja, tanto que alguns limpando os outros dispensando os sacramentos, principalmente da confissão, mancham-se a si mesmos, semelhantes aos limpas-chaminés; muitas vezes é tão suja que sujam os mesmos sacramentos dos que se achegam a eles".

O perigo de incongruência que pode apresentar-se no exercício da confissão, Pe. Gaspar denuncia também a propósito do ministério da palavra, se este é feito aos outros sem a necessária bagagem espiritual. Eis uma outra comparação ainda, especialmente apresentada: "A Escritura é uma escada para chegar a conhecer a Deus por meio da fé. Não é preciso ater-se a letra, mas chegar até o espírito... Quantos sacerdotes levam o material da letra para edificar as casas dos outros! Enquanto o povo edifica no espírito sobre a letra, o sacerdote permanece na letra inteiramente afastado do espírito. Levam a escada, os outros sobem; eles ficam sempre em baixo, como os diretores de S. Teresa".

• • • • •

(continua)

(A ORAÇÃO NO ENSINAMENTO E NA EXPERIÊNCIA DE
SÃO GASPAR BERTONI: PE. IGNAZIO BONETTI).



CARTA DO MÊS

Estigmatinidade

SETEMBRO 2005 - N° 181

ORAÇÃO E VIDA (continuação)

2. A CELEBRAÇÃO DA EUCHARISTIA, FONTE PRINCIPAL DE SANTIDADE SACERDOTAL

Já vimos o que significava pessoalmente a Eucaristia para Pe. Gaspar. Falando sobre este assunto aos sacerdotes, ele não podia não colocar-se na ótica pastoral, de quem se preocupa que o ministério da Eucaristia seja oferecido aos fiéis do modo mais digno e convincente.

O sermão sobre a Missa proferido por Pe. Gaspar aos sacerdotes – tem a propósito uma longa instrução sobre a Missa dos exercícios ao clero - contém numerosos acenos pastorais, e mesmo jurídico-morais, de extrema e até mesmo rude solidez.. Como quando ele previne sobre a celebração com sacramentos sujos, com roupas seculares; uma missa em doze minutos!... sem preparação, conversando, olhando, etc., até o altar!" Ou quando insiste sobre a pureza necessária para chegar-se ao S. Sacrifício - "há os que conservam o ídolo do interesse, do ventre, da prática (ou seja uma relação ilícita)" e portanto sobre a. necessidade de tomar a sério o esforço da purificação, até mesmo com uma boa confissão. Ou ainda, quando defende e inculca - com uma quantidade impressionante de argumentos histórico-teológicos - a prática da celebração eucarística diária.

Mas além de tudo isto Pe. Gaspar insiste sobretudo sobre as disposições espirituais exigidas para a celebração eucarística, e portanto sobre os frutos espirituais dela derivados. "É necessária sem dúvida uma disposição divina para poder receber um alimento divino; uma vida regulada de tal modo que seja divina e sobre-humana, radicalmente oposta à mundana e carnal". Por outro lado, uma vez que o sacerdote se esforça para chegar ao altar com estas disposições, receberá em si com tal abundância os frutos da Eucaristia que se tornará "transformado em Deus, semelhante a Ele pelo amor". Sua vida então "separada das criaturas e unida a Deus somente; só Deus ocupará sua mente e sua vontade, só Deus estará presente nas suas conversações, só Deus nas suas ações. Não há mais nada nele que recenda a mundo, que transpire carne ou sentidos; combate o egoísmo, crucifica o corpo com uma constante mortificação, despreza as riquezas, refuga as honras, goza por ser ignorado pelo mundo e considerado um nada".

c) EMPENHO DE COERÊNCIA ENTRE O DIZER E O FAZER

I. CULTURA E PIEDADE NO SACERDOTE

"A ciência estufa os seios, a devoção os enche" e "a razão humana, a ciência é muito tímida e incerta; em nosso ministério é necessário a luz (de Deus)". É este um outro ponto - já acenado acima - que constitui um dos temas sobre o qual Pe. Gaspar insiste mais, falando da oração aos sacerdotes e aos clérigos. A experiência o ensinou - e de experiência neste campo Pe. Gaspar teve muita, primeiro como padre espiritual no seminário e depois como examinador das vocações eclesiais - que os ministros da Igreja são particularmente tentados pelo perigo de certo intelectualismo e culturalismo, que ameaça atrofiar o ímpeto espiritual, para com a autêntica e profunda intimidade com Cristo. O perigo é tanto mais insidioso enquanto que a curiosidade intelectual e o esforço cultural podem apresentar-se como honrado álibi; capaz de atribuir ao sacerdote, mesmo se pobre de valores espirituais, um verniz, de respeitabilidade e uma aparência de capacidade profissional de alguma forma apreciável aos olhos dos fiéis.

A denuncia de Pe. Gaspar a este propósito é implacável. "Os que são ousados ou curiosos nos raciocínios e fáceis em discorrer sobre estes mistérios - assim em uma Meditação sobre os sinais da vocação - saibam que estão inteiramente indispostos para serem chamados a um ministério, que exige mais adoração que palavras e raciocínios". "Eis a grande filosofia do cristão - insiste nos exercícios ao clero - e o sacerdote ao invés de estudar esta filosofia na oração a procura nos livros dos mundanos, heréticos e cismáticos".

Obviamente, sobre este argumento é necessário esclarecer bem a disposição autêntica de Pe. Gaspar. Já foi mostrada nestes "Saggi" a sua paixão pela cultura e o esforço empregado na formação dos seus estudantes em todos os ramos da ciência, mesmo profana. Nos exercícios ao clero Pe. Gaspar recomenda a aplicação aos estudos, juntamente com a assiduidade na oração, justamente com a finalidade de preparar-se na medida mais adequada ao ministério; além de ocupar bem o próprio tempo, fugindo da mordaza do ócio, e para exercitar-se na necessária mortificação dos sentidos. O que Pe. Gaspar teme para os sacerdotes, e contra o que nos previne, não é pois a curiosidade intelectual, o estudo, o saber, mas como dirá em uma carta à L. Naudet, o "saber mal, que é haver perdido o bom gosto". Porém, desde que este "bom gosto" esteja estreitamente ligado com a procura da "glória, do Senhor, que é o seu autor", aparece claro que o saber mal significa principalmente, para Pe. Gaspar, a presença no saber de certos elementos poluentes como o orgulho, a presunção, a superficialidade, a busca egoística do próprio interesse... É em relação a este "saber mal." que Pe. Gaspar explode a sua severa condenação.

A conseqüência mais grave do "saber mal" é reconhecida, por Pe. Gaspar em certa "duplicidade por hipocrisia", que leva o sacerdote a ser "um no púlpito, outro na praça; um no confessionário, outro na conversação; um no altar, outro na mesa", para impedir este grande perigo - e sabemos que não era só naqueles tempos: a tentação de pregar bem e esgaravatar mal" deturpa como uma espécie de deformação profissional a figura do padre em qualquer tempo - Pe. Gaspar exorta os sacerdotes e os clérigos a serem fiéis com a mente e com as obras como Abraão, prudentes para conhecer... justos, fortes, temperantes como os Patriarcas. Não basta, pois, a ciência moral e teológica, humana e divina: são necessárias virtudes humanas e divinas, morais e teológicas. 'Quem faz - não quem sabe - a vontade do meu Pai... este para mim é meu irmão, minha irmã e minha mãe'. É sobretudo a fidelidade à oração que produz todos estes frutos.

2."NÃO BASTAM BELOS PROJETOS: SÃO NECESSÁRIAS OBRAS"

Ser fiel a oração quer dizer em primeiro lugar, naturalmente empenhar-se na observância de um programa de exercícios de piedade conveniente à condição de cada um: o qual para os sacerdotes já está substancialmente fixado pela tradição e pela lei da Igreja...

No primeiro retiro no Colégios dos Acólitos, depois de haver lembrado àqueles clérigos a necessidade de estabelecer um rigoroso horário cotidiano para os diversos exercícios de piedade - "meditação de manhã, oração vocal, leitura da Escritura, constituições, vida dos Santos, livros que tratem da vocação eclesial, exame de consciência toda tarde" - acrescenta: "Não nos basta ter ouvido, não nos bastem os belos projetos na cabeça; não nos baste também um método por escrito. São necessárias obras!"

Aflora assim, nesta colorida e eficaz expressão, a exigência que está bem no fundo de toda a pregação bertonianiana sobre a oração: isto é, que a oração seja verdadeiramente "a vida da nossa vida, e a alma da nossa alma... principalmente para os sacerdotes, porque sendo de Deus os negócios que eles tratam, é preciso cumpri-los conforme sua direção".

• • • • •

(FIM)

(A ORAÇÃO NO ENSINAMENTO E NA EXPERIÊNCIA DE
SÃO GASPAR BERTONI - PE. IGNAZIO BONETTI).



CARTA DO MÊS

Estigmatidade

OUTUBRO 2005 – N° 182

UMA “MISSÃOZINHA” NAS CAPELAS RURAIS DE RIO CLARO EM 1924

Neste mês das MISSÕES é bom recordar o trabalho missionário dos nossos primeiros padres em Rio Claro. Além da assistência normal às capelas rurais, fazia-se, de vez em quando, uma “missãozinha”.

Encontramos no *Il Bertonianano* de out.nov.dez. de 1924, à página 137, o que se segue:

“Nestes meses os Padres foram para “missãozinhas” em vários bairros da nossa região: Jacutinga – Santa Gertrudes – Gramado – Batovi – Ipojuca – Lopes – Mata Negra – Ferraz – Boa Vista – Sobrado – Guaiapá – Santana de Baixo – Água Branca – Cachoeirinha – São Bento.

Como são essas “missãozinhas”? Um ou dois meses antes marcam com o Zelador da Capela e com a comissão que convida. Duram três ou quatro dias, fazendo o possível para que no meio da missão haja um domingo ou dia santo.

No dia estabelecido, de “troly” ou à cavalo, acompanhado de um coroinha, e com seu altazinho e tudo mais que é necessário para a missa, abastecido de pequenos catecismos e objetos de devoção, o padre se dirige ao lugar determinado. Já no caminho se encontram pessoas que o cumprimentam e festejam, especialmente se negros, que se ajoelham, estendendo as mãos imploram a bênção para si ou pela família, ou para livrar a casa de ratos, a plantação das formigas, o milho dos macacos, as galinhas dos jacarés do córrego vizinho.

À chegada espoucam foguetes com grande barulho, repica o sino, onde há. E começa uma correria dos principais do lugar, e de crianças, algumas das quais, muitas vezes ainda não viram um padre.

No primeiro dia, ao cair da noite, faz-se a “reza” de abertura. Na Capela, que muitas vezes não passa de um barracão, eis recolhido o bom povo: inicia-se o terço. Se predominarem os velhos vênets, querem o terço em italiano. Parece mesmo voltar aos antigos tempos de Sezano. Depois uma pregação sobre alguma máxima cristã. Canto da Ladainha de Nossa Senhora – oração especial aos padroeiros do lugar – avisos para o dia seguinte, bênção com a mão, e depois começam as confissões. Terminadas essas, o padre é convidado para o café na casa em que está hospedado, onde se encontra um belo grupo de novos amigos, que com extraordinária satisfação ouvem o que de bonito, de novo ou de velho, de interessante, lhes

conta. Finalmente, despedida toda aquela gente, o missionário se retira para o seu quarto, algumas vezes com porta, outras sem porta, talvez com forro e o mais das vezes sem, simplesmente debaixo do telhado que permite estar em relação com as estrelas do céu ou sentir melhor o vento que sopra.

No dia seguinte confissões e depois a S. Missa com pregação. Em seguida visita aos doentes e bênçãos de casas ou animais. Ao meio dia a capinha ou algum outro sinal chama todas as crianças ao catecismo, depois do qual se confessam e os mais preparados se dispõem para a primeira comunhão. As refeições ordinárias são às 10 da manhã e às 05 da tarde.

Ao chegar a noite, de novo confissões, depois reza, que consiste em catecismo para todos. Recitação do terço – pregação – orações aos santos padroeiros, entremeadas de cânticos devotos onde é possível o auxílio das jovens, que na Capela do Bairro, dão catecismo durante o ano e depois, de novo confissões. E assim todos os dias.

Às vezes se faz também alguma procissão de “penitência”: é um dos atos mais comoventes. São longas filas de homens e mulheres, que respeitosos e devotos rezam o terço e cantam louvores, fazendo um longo giro, às vezes até de quilômetros, sempre em ordem, apesar do sol que queima e do caminho acidentado.

No último dia, ordinariamente, a primeira missa, com a comunhão geral é às oito horas, e a segunda às dez e meia. É especialmente no último dia que se fazem os batizados, e, onde se faz crisma, esta é administrada depois do meio dia.

À tarde tem lugar uma solene procissão com as imagens lindamente ornadas que, às vezes, sozinhas formam um gracioso desfile de santos e de santas de várias cores. Em algum lugar não falta a banda de música com barulho infernal, especialmente na entrada da procissão. Finalmente segue a pregação de encerramento e bênção.

Naturalmente os mais fervorosos freqüentadores são os nossos italianos, que arrastam consigo os ingênuos brasileiros. Salientam-se pela sua pontualidade os alemães e não faltam ótimos portugueses. Os mais atrasados são os espanhóis”.

E assim, num estilo bem “patriótico”, temos um resumo de um trabalho começado com grande esforço em nossos primeiros tempos e que até hoje ainda produz frutos, e, é lembrado.



CARTA DO MÊS

Estigmatinidade

NOVEMBRO 2005 - N° 183

PANEGÍRICO DE SÃO FRANCISCO

FEITO POR SÃO GASPAR BERTONI

EM SÃO FIRMO MAIOR – VERONA – AOS 04/10/1808

*“Se alguém que vir após mim, renegue-se a si mesmo,
tome sua cruz e siga-me” (Mt 16,24)*

1844 – Neste dia sagrado da gloriosa memória do Seráfico Pai coube a mim apresentar à vossa devoção um pouco de alimento espiritual, e não saberia como resolver melhor este encargo, se não dirigindo à vossa devota e condescendente atenção os trechos mais significativos de sua vida. Falar das heróicas ações de Francisco de Assis é falar de todas as virtudes, de todo gênero de perfeição e da santidade no grau mais elevado.

1845 – Falar deste herói e santo é falar do *espírito de penitência mais perfeito, do espírito da cruz mais sublime, do espírito mais ardente do amor de Cristo Crucificado.*

Eis porque bem se adaptam a ele as palavras de Cristo em Mt 16,24:

*“Se alguém quer vir após mim,
renegue-se a si mesmo (este é o espírito de penitência),
tome a sua cruz (é o espírito da cruz),
e siga-me” (este é o espírito de amor).*

Aqui encontramos o início, as etapas, e o ponto de chegada da santidade.

Eis o caminho traçado, para quem quer percorrê-lo: *“Se alguém quer...”*, não para quem queira percorrê-lo confiando nas próprias forças, mas para quem confia na bondade do Senhor: *“Vinde após mim”*.

Tudo isto é palavra de Francisco.

E ao ouvir estas palavras, estou certo, apesar da minha impropriedade, fará nascer dentro de vós em crescente desejo de imitar aquele que tão bem imitou Cristo.

I – EM FRANCISCO EXISTE O ESPÍRITO DE PENITÊNCIA AO MÁXIMO GRAU

1846 – “*Se alguém que vir após mim, renegue-se a si mesmo*”. Renegue-se a si mesmo. Eis o espírito de penitência. Conseqüência deste espírito é a mudança de comportamento da pessoa.

Do ponto de vista exterior, renunciando as próprias coisas.

Do ponto de vista interior, renunciando a si mesmo.

Renunciar a si mesmo: não ser mais administrador de si mesmo.

“Se é fácil renunciar a propriedade, muito mais difícil é a renúncia de si mesmo”.

Renuncia a si mesmo quem deixa de viver segundo a velha vida de Adão, concentrada em si mesmo, e começa a viver segundo a vida nova do dom da graça (*cf. S. Gregório, Homiliae...*). Isto acontece porque o homem é levado por este espírito a sentir náuseas do que antes amava, e a amar o que antes repugnava. Assim S. Ambrósio. São Jerônimo nos diz que vive o espírito de penitência e renúncia a si mesmo quem passa de intemperante a controlado, de impudico a casto, de avarento a generoso.

1847 – Observemos a mudança de comportamentos: um homem, antes bastante rico, sempre presente nas praças mais reputadas, pelo comércio, talentoso, atento às mudanças do mercado, todo cuidadoso para cumular riquezas, não injustas, mas, porém sempre humanas e caducas..., este homem de repente, o encontramos na porta da igreja com os andarilhos, com uma roupa trocada com um deles pela sua nova e na moda; um homem atento e zeloso em busca da pobreza.

E quem é este? É Francisco. Mas de onde vem uma mudança tão estranha de comportamento? Vem de uma mudança ainda mais estupenda de interesses. Interroguemos a ele mesmo: “*O que podia ser para mim ganho, eu considero uma perda por causa de Cristo*” (Fl 3,7).

1848 – O Pe. Segneri, comentando estupendamente este trecho de S. Paulo, diz: “É como um negociante que compra pérolas no escuro, e gasta nelas todo o seu dinheiro, colocando nelas todas as expectativas para um futuro rico, abastado e cheio de popularidade. Mas chegando o dia, descobre ter comprado vidro e não pérolas. Naquele momento muda a sua atitude: julga-as uma perda, não um lucro”.

Assim aconteceu com Francisco. Quando era comerciante, via que através das suas especulações ganhava para seus prazeres, alegrava-se sentindo crescer sua fortuna, regozijava-se complacente sentindo seu nome estimado, e isto lhe conseguia amigos e era instrumento para ulteriores lucros maiores.

1849 – Tudo isso enquanto era escuridão. E muitos de nós hoje estamos nesta posição. Nós porém podemos dizer para confundir a nossa preguiça e nosso relaxo: “*A luz da justiça não*

brilhou para nós” (Sb 5,6). Não conhecemos o verdadeiro valor do bem, da virtude. Mas Deus levou a luz dentro das trevas em que Francisco vivia; e ele cooperou positivamente, com o espírito de penitência e assim removeu os impedimentos à luz que, ajudada pela maior luminosidade da palavra do Evangelho, insinuou-se dentro de seus anteriores conhecimentos: e ele descobriu que não estava acumulando lucros, mas perdas, perdas certas: “Por Cristo”. As riquezas eram perdas: primeiro, porque não as via mais como lucro, já que com elas não se pode adquirir o amor de Cristo, segundo, porque trazia um prejuízo: de fato as riquezas roubam o amor de Cristo para quem já o experimentou. E por isso: “*O que podia ser para mim lucro...*” (Fl 3,7).

1850 – Mas ainda há mais. Francisco, ajudado por aquela luz chegou a considerar perda não só as coisas que antes estimava, isto é, seus prazeres, as riquezas, a reputação, mas considerou perda também todas as outras que não eram Cristo: o nome da família, a inteligência pronta, os dotes pessoais..., e isto sempre pela mesma razão: “*Por Cristo*”. Para quem quer voltar a atenção para estas coisas humanas, é melhor que não queira seguir Cristo, ou que o abandone. “*Na verdade, julgo como perda todas as coisas*” (Fl 3,8).

1851 – Mas como pôde Francisco chegar a tomar uma decisão tão resoluto? Também porque vivia em um contexto em que se consideravam as riquezas muito importantes, e, portanto lhe eram contrárias como a violência de uma torrente em cheia. “Só contra todos”, como Noé, comentaria o Crisóstomo. Como e por qual caminho seguiu? “*Por causa da sublimidade do conhecimento de Cristo*” (Fl 3,8). Chegou a ele por conhecimento adquirido, não dos sábios, mas de Cristo, e conquistou um eminente conhecimento de Cristo. Um conhecimento sublime, seja porque supera toda a ciência que não tem Cristo por objetivo, seja porque, também entre estas, a de renunciar a tudo (“*Quem não renuncia...*” Lc 14,33), não é ciência comum, mas eminente, justamente porque é a menos praticada. Colocar-se nu, por não querer outra coisa sobre a terra senão Cristo nu: “*Por causa da sublimidade do conhecimento de Cristo*” (Fl 3,8).

1852 – Assim este conhecimento levou Francisco a renunciar a tudo: a tudo o que era seu, até mesmo as vestes e o cavalo, pondo-se inteiramente entre os mendigos de S. Damião; mesmo os pais que abandonou sem mesmo sem despedir; a renunciar totalmente a si mesmo: aproximando-se de um leproso, e para vencer sua resistência interna chegou a beijá-lo na boca; o leproso, então, quase como prêmio a Francisco, perdeu seu horrível aspecto para assumir o do seu amorosíssimo Salvador. Francisco renuncia não só o que possui e é, mas também o que poderia ter e ser no futuro. Renuncia às vantagens da sua rendosa profissão, e aos muitos recursos do seu talento. “Tudo”. Persuadiu-se, não em nível teórico, mas na prática, que Cristo só, podia preencher o vazio do que deixava para ter Cristo nu na Cruz, ao contrário lhe dava mais: “Tudo por causa de Cristo”.

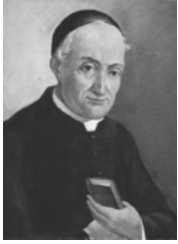
1853 – Renúncia total e universal. Mesmo a bens que ainda não havia renunciado, porque não os possuía, nem agora de fato, nem os esperava para o futuro (por exemplo, o poder, as honras, regalias e rendas), todavia os renuncia: “Todas as coisas, todas as coisas”. Renúncia muito decidida. De fato não só os renuncia, mas os recusa: “*Por causa d’Ele reputo perda todas as coisas*” (Fl 3,8), e também as joga fora com desprezo, justamente como se faz com as coisas que podem comprometer. “Todas as coisas considerei uma perda”. Assim fez com uma bolsa

que continha o dinheiro das suas propriedades vendidas. Primeiro a ofereceu ao Padre de S. Damião para a restauração, e quando este, por medo do pai, a recusou, jogou-a dentro da janela da primeira casa que encontrou: gesto nobre e de decidido desinteresse.

1854 – Não só com desinteresse, mas também com desprezo e ódio violento: “*As considero como lixo*” (Fl 3,8). Todos os bens do mundo são esterco: “*Todas as coisas como esterco*”. São esterco os prazeres do sentido: produzem uma opinião negativa em quem está longe da fé e dão um péssimo testemunho em quem está perto. “*Os animais apodrecem no próprio esterco*” (Jl 1,7). São esterco os lucros da avareza: fruto da hediondez, que muito facilmente contaminam também quem os usa: “*O preguiçoso é semelhante a uma bola de esterco, quem a recolhe suja a mão*” (Eclo 22,2).

1855 – É esterco a glória e a ambição, pela sua veloz e repentina degradação, purulência e apodrecimento: “*Não receeis as ameaças do ímpio, porque sua glória chega à lama e aos vermes; hoje ele se eleva e amanhã desaparece*” (1Mc 2,62s). “*O nome dos ímpios apodrecerá*” (Pr 10,7). Assim Francisco renuncia a tudo com decisão e desprezo, apresenta-se nu diante do bispo, para poder correr com agilidade e voar para abraçar não as consolações e os prazeres, mas a cruz, e a cruz de Cristo.

(continua...)



CARTA DO MÊS

Estigmatinidade

DEZEMBRO 2005 - N° 184

PANEGÍRICO DE SÃO FRANCISCO

FEITO POR SÃO GASPAR BERTONI

EM SÃO FIRMO MAIOR – VERONA – AOS 04/10/1808

(Continuação...)

II – EM FRANCISCO ESTÁ A PERFEIÇÃO NO ESPÍRITO DA CRUZ

1856 – “*Tome a sua cruz*”. Eis o espírito da Cruz. Não tomou a cruz às costas por força, como o Cirineu, mas por escolha livre e espontânea. Não olhou a mais leve: escolheu a mais pesada. Não a arrastou com fadiga ou lamentando-se, nem com resignação ou por obrigação; mas a carregou com gratidão, com alegria no coração, com indizível prazer e regozijo e exultação de espírito; a carregou só pelo grande amor ao sofrimento. Daqui se compreende a sua terna atenção também ao sinal visível da cruz do seu Salvador. Jamais se curvou sobre seu peso, nem pela delonga do tempo ou pela sobrecarga: sempre direto para seu objetivo, sempre constante nas suas aspirações, levou a cruz içando-a como glorioso estandarte do seu triunfo. Assim Assis o viu entrar em triunfo no meio dos seus seguidores.

1857 – Os próprios concidadãos, acreditando-o enlouquecido, insultavam-no aos gritos e atiravam-lhe pedras e lama. S. Jerônimo diz que a perseguição por parte dos inimigos é o primeiro gênero de cruz; e Francisco a teve dos assisienses e dos amigos, e de modo bastante violento do pai, e dos seus próprios frades e também de alguns dos seus primeiros companheiros, e esta foi para ele a mais amarga. E aconteceu a tribulação mandada por Deus: o Papa, realmente no início, não o reconhecendo, recusou-lhe audiência; só mais adiante, sabendo em visão que era Francisco, o fez voltar e condescendeu em tudo o que pedia para a aprovação da Ordem.

Tribulação maior sentiu quando alguns dos seus frades se rebelaram ao seu carisma.

A máxima quando Deus expressamente lhe impôs autorizar a eleição como responsável da Ordem o frade mais rebelde e turbulento. Deus tem maneiras ocultas e todavia adoráveis, para colocar seus servos à prova.

1858 – O segundo gênero de cruz é a tentação do demônio. Esta também Francisco sofreu, e bastante forte e constante, tanto interior como fisicamente, com toda espécie de prova.

O terceiro gênero de cruz é cruz bastante pesada, e é a severíssima mortificação que ele mesmo se impôs: pouco alimento, apenas suficiente para manter-se, e este alimento era tornado insípido com cinza ou, se cozido, com água gelada. Os alimentos cozidos os tomava só

quando estava muito mal. Brevíssimo sono, deitado por terra, com uma pedra ou um pau como travesseiro, depois de um dia gasto na pregação; senão dormia “al volo”, em pé ou deitado. O corpo era mortificado por uma veste áspera, tornada molestante de propósito, que deixava sofrer com o calor e todo o frio das estações, corpo atormentado por ele com cilícios, macerado por longos jejuns, marcado por severas flagelações, embora quase habitualmente doente e fraco.

1859 – E não satisfeito com esta cruz, já tão pesada, Francisco foi entre os bárbaros, e procurou um violento e feroz, que o ajudasse a subir mais depressa sobre a cruz. Mas não encontrou esse auxílio. Então se esforçou para subir sozinho, tal era o seu amor por Cristo, (“*Desejo desprender-me para estar com Cristo*” – Fl 1,23), que a própria vida de cada dia era fadiga e cruz, e um martírio. “*O mundo está crucificado para mim, e eu para o mundo*” (Gl 6,14).

Ei-lo na cruz. Mas o amor jamais disse chega.

1860 – Não lhe é suficiente mais ser sofredor na cruz, porque ainda está vivo: quer estar crucificado e morrer assim: “*Eu morri*” (Gl 2,19). O amor o ajudou nisto: “*O amor é forte como a morte*” (Ct 8,6). Enfim está totalmente morto: morto para a vida sensível, morto para o mundo. Um morto não vê, não sente, não saboreia, não fica ressentido, nem se comove. Assim era Francisco no confronto com o mundo que estava fora dele.

Mas ele tinha também um mundo interior: a tríplice concupiscência, de que fala S. João (1Jo 2,16). Para tudo quer ser morto.

1861 – À CONCUPISCÊNCIA DA CARNE. Seja ele jogado nu entre os gelos e as neves dos montes: o importante é que morra.

À CONCUPISCÊNCIA DOS OLHOS, que é a avareza. Não tem teto que o proteja, nem roupa que o esquente e cubra a nudez, nem um pedaço de pão para saciar a fome. Nada, absolutamente nada de próprio, assim possa morrer.

À SOBERBA DA VIDA. Reúne-se o povo de Assis na praça: Francisco entra na igreja maior, se despe, ficando só de ceroulas, amarra uma corda no pescoço e, diante do povo, faz-se levar na praça no lugar onde levam os malfeitores, sobe numa pedra (tem febre e treme todo de frio, está para desfalecer), e proclama ao povo com todo o ardor e vigor que lhe resta, de modo que seja claro para todos: “Eu não posso ser considerado como um homem de Deus. Todos devem desprezar-me como um homem do mundo e glutão, porque no momento mais forte da doença comi carne”. Seja anunciado, gritado, feito ouvir a todos: mas a soberba morra. “*Eu estou morto*” (Gl 2,19).

1862 – “Eu estou crucificado”, “eu estou morto”. Mas nem assim o meu amor se satisfaz; o que será quando também eu for pregado na cruz com Cristo, e justo sobre a cruz de Cristo. “*Estou pregado à cruz de Cristo*” (Gl 2,19). O conceito é mais claro no grego: “Christo sunstaüromanai”. “Com-crucificado com Cristo”: isto é crucificado junto com Cristo, quase enxertado e co-plantado na árvore da cruz de Cristo, tendo assim em comum com a árvore a linfa e a vida, isto é a graça e a caridade.

1863 – Deste amor de “com-paixão”, transformante, o primeiro efeito é a UNIÃO, segundo o autor do livro ‘Os nomes divinos’ (De divinis nominibus). Por isso Francisco está unido e quase um com Cristo crucificado: “*Para que sejam uma coisa só comigo*” (Jo 17,21). O

segundo efeito é a assim chamada “MUTUA INESIONE”. E isto fazia Francisco exclamar: “*Um saquinho de mirra: o meu bem-amado para mim, e eu para ele*” (Ct 1,12 e 2,16).

O terceiro é um PENSAMENTO CONSTANTE. Francisco podia dizer que o seu bem-amado Jesus lhe era um “*saquinho de mirra que repousa sobre seu peito*” (Ct 1,12), sua inteligência e sobre a vontade, para uma constante e amorosa contemplação. Por isso só à lembrança do seu Senhor crucificado o seu coração se enternecia todo.

1864 – Quarto efeito é o “ÊXTASE”. E é aquilo que na verdade experimentou naquela noite em que, como narra S. Boaventura, lhe apareceu um Serafim e recebeu no espírito um ardor indizível, e no corpo um sinal indelével: as cinco chagas do Salvador. Assim não mais parecendo um homem terreno, mas um Serafim do Céu, uma imagem viva do crucifixo, quase todo transformado em Cristo.

E assim, sem perceber, os introduzi e levei muito profundamente para o cume daquela perfeição que consiste em andar após Cristo: o que eu quero tratar agora, no terceiro ponto.

(continua...)



CARTA DO MÊS

Estigmatinidade

JANEIRO 2006 - N° 185

PANEGÍRICO DE SÃO FRANCISCO
FEITO POR SÃO GASPAR BERTONI
EM SÃO FIRMO MAIOR – VERONA – AOS 04/10/1808

(Continuação...)

III – EM FRANCISCO ESTÁ O ESPÍRITO DE AMOR MAIS ARDENTE

1865 – “*E siga-me*” (Mt 16,24).

É o espírito de amor em seguir Cristo: “*E siga-me*”. O que fizemos até agora é mais um vôo que uma caminhada. Agora, e espero que os agrade, iremos passo a passo percorrendo outra vez o caminho, aditando minhas palavras, para que todos possamos, conforme nossas capacidades, chegar também nós a esta meta, ou ao menos entrevê-la, para alcançá-la depois com nosso passo.

MUITÍSSIMOS seguem Cristo prevendo uma vantagem temporal. Ora, o mercenário, chegando à porta, recebe o pagamento, mas fica fora da casa: “*Já recebeu sua recompensa*” (Mt 6,2).

MUITOS seguem Cristo com a atitude de servos, por temor. Estes seguem, mas de longe, e, ficando longe, jamais participam dos segredos do seu Senhor: “*O servo não conhece a vontade do seu Senhor*” (Jo 15,15).

ALGUNS seguem Cristo como filhos, por amor um pouco interessado na herança. Mas os filhos, muitas vezes, são mais amados que amantes, e às vezes chegam mesmo a desprezar o pai se manda fazer coisas que lhes desagradam, que podem ser razoáveis e úteis, mas difíceis e trabalhosas: “*Eu criei filhos e os eduquei, eles, porém se revoltaram contra mim*” (Is 1,21).

1867 – POUÇOS seguem Cristo como amigos, que fundamentam seu amor na recíproca comunicação de bens. Mas se termina, por motivos ocultos, embora justos aos olhos de Deus, a doce influência destes bens, e acontece a amarga participação aos males do amigo: “*Todos o abandonaram e fugiram*” (Mt 26,26); e são os mesmos que antes se declararam amigos de Jesus: “*Todos buscam os próprios interesses e não os de Jesus Cristo*” (Fl 2,21).

1868 – POUQUÍSSIMOS seguem Cristo como amantes, que desde o primeiro lampejo juvenil do seu terno amor, seguem Cristo onde quer que Ele vá, no Tabor como no Calvário. Correm atrás dele, no odor dos seus perfumes, das inspirações e consolações interiores. Mas não

conseguem correr no seu ritmo, nem estar ao seu lado, porque Ele percorre o seu caminho não com passos, mas com saltos de gigante: “*Exulta como um gigante*” (Sl 18,6).

A ESPOSA, ao invés, madura na escola do amor, não é atraída pelo perfume, mas pela destra do Esposo: “*arrasta-me*” (Ct 1,3); e apoiando-se fortemente n’Ele e confiando na sua força, procede lado a lado, e com Ele não corre, mas voa: “*Apoiada no seu bem-amado*” (Ct 8,5).

1869 – Assim é Francisco no seguimento de Cristo. “*E siga-me*” (Mt 19,24). Não atrás, mas ao lado; não perto, mas junto, e não só junto, mas transformado.

Francisco não procura consolações, alegrias ou os dons de Cristo; ele procura Cristo. “*A fim de ganhar Cristo*” (Fl 3,8). Cristo nu na cruz, nas perseguições e na pobreza; e isto desde o princípio. Francisco parece iniciar onde outros com fadiga parecem ter chegado ao fim. “*Mas tudo isso que para mim eram vantagens, considero perda por Cristo. Tudo desprezei, e tenho em conta de esterco, a fim de ganhar Cristo*” (Fl 3,7s). Deixa, recusa, renuncia todas as coisas não para ter o amor, o serviço, a seqüela de Cristo, mas o próprio Cristo. “*A fim de ganhar Cristo*” (Fl 3,8). Francisco desde o começo não queria nada menos que Cristo, e todo o Cristo.

1870 – E o conseguiu de fato! Chegou quase a ser um só espírito com Cristo, de modo tão elevado que pôde dizer: “*Eu vivo, mas já não sou eu, é Cristo que vive em mim*” (Gl 2,20). Aconteceu uma total e perfeita transformação de amor: “*A fim de ganhar Cristo e estar com Ele*” (Fl 3,8s). Renunciou tudo de si, para encontrar-se todo em Cristo. E hoje nós não podemos encontrar Francisco se não com Cristo, antes, em Cristo. A nós hoje torna-se difícil distinguir Francisco de Cristo: desprezado como Cristo, pobre como Cristo, chagado como Cristo.

1871 – Um santo assim tão transformado pelo amor; um santo que provou tais e tantos desejos de amor e êxtase; um santo, e o afirmo com o Sales, que Deus mostrou ao mundo como um milagre de amor, não podia morrer senão por excesso de amor. E de fato morreu de amor.

Observai-o no momento da morte: fez-se deitar nu na terra. Um o cobre com o próprio hábito. Ele fala aos seus frades que o rodeiam, e fala de amor. Recomenda que amem e temam a Deus, amem e respeitem a sua Igreja. Fez com que lessem a narração da Paixão, e enfim, com muita intensidade, inicia o Salmo 141, 2: “*Minha voz lança um grande grito ao Senhor, em alta voz imploro ao Senhor*”. E, tendo pronunciado o versículo oitavo: “*Tirai-me desta prisão, para que possa agradecer ao vosso nome. Os justos virão rodear-me quando me tiverdes feito esta graça*”, expirou. Estava na plenitude da idade adulta, tinha 44 anos.

1872 – Um passarinho na gaiola sente-se amado pelo seu dono, e acredita estar bem, mas se um dia pela janela vê e ouve outros pássaros que são livres para voar e chilreiam em coro, o nosso pássaro sentirá crescer dentro de si o desejo reprimido de liberdade, e experimentará com a cabeça, as asas e o corpo arrombar as grades da sua prisão. Assim Francisco, este serafim de amor. Ouvindo, eu creio, os cantos de amor que no céu os anjos e os santos tributam a Deus, movido por um desejo irrefreável de estar com eles, aliás com Deus, bateu, sacudiu, empurrou tanto e tão forte as trancas e as grades do seu corpo, que finalmente o seu amado e amante Senhor se enterneceu e libertou-o da prisão. Na verdade Francisco pode dizer no singular: “*Atrai-me*” (Ct 1,3), porque o grau do seu seguimento a Cristo é totalmente singular.

1873 – Ele pode dizer, como a Esposa, no singular: “*Atrai-me*”, e com a Esposa ao mesmo tempo dizer: “*Correremos atrás de ti, seguindo a fragrância dos teus perfumes*” (Ct 1,3). Ele pode dizer hoje, e com ele podem dizer tantos filhos seus, que são luminosos e numerosos como as estrelas, e refulgem gloriosos na eternidade (Dn 12,3), formando em torno dele no céu uma coroa de triunfo, e são para nós aqui na terra luz de testemunho; ele pode dizer a todos seus devotos admiradores e fiéis seguidores; aos grandes imitadores do seu espírito, que vivem por toda a parte, de toda a idade e condição, de todo lugar e tempo, até que seja pregado o Evangelho de Cristo (e o será até o fim do mundo, pela segura promessa), ele pode dizer a todos: “*Se alguém quer vir após mim...*” (Mt 16,24).

1874 – Sim, Francisco pode dizer, e dizer no plural: “*Correremos atrás de Ti*” (Ct 1,3): como dizer: “*eu correrei seguindo o perfume dos exemplos de Cristo, pelos quais sou atraído; vós correreis ao perfume dos meus exemplos, que não são meus, mas de Cristo: ‘Atrás da fragrância dos teus perfumes’*” (Ct 1,3). De fato eu posso dizer com o Apóstolo: “*Sede meus imitadores, como eu o sou de Cristo*” (1Cor 4,16), no ESPÍRITO DE PENITÊNCIA, no ESPÍRITO DA CRUZ, no ESPÍRITO DO AMOR.

“Se alguém quer vir após mim, renegue-se a si mesmo...” (Mt 16,24).

(Separata publicada pelo Pe. Fausto Torresendi).